

NOUTROS SERTÕES: MULHERES NA LITERATURA, MULHERES NA HISTÓRIA

André Luiz Martins Lopez de SCOVILLE¹

RESUMO

Com base na análise da personagem Jacira Antônia, do romance *A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas*, de Maria José Silveira, este ensaio pretende observar a representação ficcional de mulheres poderosas do interior do Brasil, bem como refletir sobre as relações entre literatura e história.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira, literatura e história, mulheres e literatura, mulheres e poder, Maria José Silveira, Manuel de Oliveira Paiva.

ABSTRACT

Based on the analysis of the character Jacira Antônia, from the novel *A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas*, written by Maria José Silveira, this essay intends to observe the fictional representation of powerful women in Brazilian rural areas, as well as reflecting on the relations between literature and history.

KEYWORDS: Brazilian literature, literature and history, women and literature, women and power, Maria José Silveira, Manuel de Oliveira Paiva.

Uma das mães, uma das filhas

Em que pese as mulheres escritoras terem conquistado – e ainda estejam conquistando – seu lugar no cânone literário brasileiro num processo que se arrasta há um bom tempo, as personagens femininas sempre tiveram papel de destaque em nossa ficção. À imensa lista que se poderia citar, vieram somar-se, recentemente, as mulheres do romance *A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas*, de Maria José Silveira, publicado em 2002. No livro, a autora compõe uma genealogia matrilinear que se inicia com a índia Inaiá, nascendo junto com o Brasil (ou melhor, com a chegada dos portugueses), e avança, filha após filha, até Maria Flor, cinco séculos depois. Ao todo, são vinte mulheres cujas histórias estão diretamente relacionadas com os respectivos contextos históricos em que vivem.

As mulheres dessa família apresentam características psicológicas superficiais e constantes ao longo da vida. A própria estrutura da narrativa – em que para cada mulher é reservado um capítulo curto (sendo este ainda compartilhado com o respectivo consorte) – dificulta mesmo qualquer aprofundamento na psicologia das personagens. Tendo isso em consideração, mesmo entre elas há também pouca variação. São quase todas corajosas, dinâmicas e dotadas de alguma habilidade especial, ora como artistas, videntes, curandeiras, fotógrafas, estilistas... Aquelas poucas que divergem dessas características acabam caindo em extremos opostos. Não há tempo para ambigüidades de caráter, o que há é a evidência das semelhanças entre mulheres que, ao viverem suas histórias particulares, vão deixando rastros que se perpetuam no tempo e ajudam a conformar uma história de todas. A noção de que as mulheres compartilham uma história específica permeia toda a narrativa e parece mesmo constituir-se em aspecto essencial da visão de mundo da autora. As várias histórias das várias mulheres precisam ser contadas como uma contribuição para essa história de todas. Então, o narrador (presumivelmente, uma narradora), utilizando uma linguagem simples e um tom explicativo, conta essas histórias para dois irmãos (um menino e uma menina).

Jacira Antônia, a personagem que decidi abordar neste estudo, apresenta algumas peculiaridades que me chamaram atenção e que, acredito, merecerão ser analisadas. No entanto, se eu escolhi tratar dessa personagem foi, principalmente, porque reconheci afinidades do comportamento e da história de Jacira com várias outras personagens da literatura brasileira e, em especial, com a fascinante Dona Guidinha, do romance *Dona Guidinha do Poço*, escrito por Manuel de

¹ Doutorando do curso de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Oliveira Paiva no final do século XIX. O enfoque comparativo dará oportunidade também para refletir, ainda que brevemente, sobre as relações entre literatura e história nos procedimentos ficcionais díspares de dois autores e de duas obras tão distantes no tempo.

No livro *A mãe da mãe...*, há várias personagens que compartilham com Jacira (e Guidinha) uma de suas características principais que é o temperamento forte. A primeira delas é Maria Taiaôba. Essa personagem é também a primeira viúva de posses e, até por essa condição, é apresentada como uma mulher livre, independente, segura de si e empreendedora. Abre-se, então, uma seqüência de mulheres de temperamento forte na família, sendo sua filha Belmira a única que destoa ao ocupar exatamente o pólo contrário, o da extrema fragilidade. Guilhermina, a filha de Belmira, e suas descendentes, Ana de Pádua e sua filha Clara Joaquina, são todas caracterizadas como mulheres fortes. Jacira Antônia, filha de Clara Joaquina, também vai se inserir nessa linhagem de força.

Um casamento feliz

Retomando brevemente a história dessa personagem, tem-se que Jacira, filha de Clara Joaquina e de Diogo Ambrósio, nasceu em 1737. A família morava, então, numa propriedade rural no interior do Rio de Janeiro. Aos três anos de idade, Jacira, mesmo sem compreender bem o que vê, presencia o desfecho da cena em que seu pai mata Clara Joaquina. Vítima da vingança derradeira de Clara Joaquina que, pouco antes de morrer, afirma para o marido que ele não era o pai de Jacira, ela é levada por Diogo e deixada na casa do cabo Jenuíno, sendo criada por ele e por uma “escrava entrevada” que se torna, assim, a mãe adotiva de Jacira.

O período dos três aos quatorze anos de Jacira quase não é citado na narrativa, minimizando os papéis do pai e da mãe adotivos com a finalidade de destacar o desejo, que permaneceu até o dia da morte da Jacira, de ver seu pai retornando a cavalo para levá-la de volta para casa. No entanto, aos quatorze anos, é outro cavaleiro que vem tirá-la daquele lugar. O Capitão Dagoberto da Mata, filho de um fazendeiro do Ceará, é um “homem justo e de fidalguia”, um aventureiro que quer explorar e conquistar novas terras no sertão. Dagoberto, numa decisão meramente prática, escolhe Jacira como esposa e companheira em sua aventura.

O casal vai se instalar numa região longínqua do alto sertão de Goiás, implantando ali uma fazenda que, com o passar dos anos, prospera e se dilata, graças ao sistema de concessão de sesmarias vigente em meados do século XVIII. O casamento é descrito como feliz. Dagoberto, ao contrário de muitos personagens masculinos do livro, é apresentado como um marido correto. Certo trecho da narrativa exemplifica bem como é a relação do casal, assim como aponta algumas condições que permitiriam o desenvolvimento de características marcantes de Jacira, como seu dinamismo e iniciativa: “Jacira torna-se a mão direita do marido. Ele a respeitava e a tratava com toda a consideração, admirando seu jeito incansável e sua autoridade exercida com calma mas sem vacilações” (SILVEIRA, 2002, p. 182). Nessa passagem, já se delinea o perfil de Jacira que será comprovado e reforçado em diferentes momentos de sua vida.

Além de bom marido, Dagoberto foi também um professor e um modelo para a esposa, como se percebe nesse outro trecho:

Dagoberto ensinou-lhe três prazeres: o do cama, o do rapé e o do lava-pés. Todos para ela uma surpresa. Ensinou-lhe também muitas coisas úteis. Os conhecimentos de Dagoberto, suas idéias, seus empreendimentos e desejos, tudo isso ele transmitia a Jacira através de sua própria maneira de ser no cotidiano da fazenda e das conversas tranquilas ao redor do tacho de cobre (...) (SILVEIRA, 2002, p.189-190).

Principal referência na formação de Jacira, é também por meio de Dagoberto que ela, acompanhando as aulas que o marido dava aos filhos, aprende a ler e a escrever.

Para Jacira, esse “marido-modelo” continuou sendo um modelo mesmo depois de morto. É claro que algumas particularidades do caráter de Jacira, as quais já despontavam antes de tornar-se viúva, acabaram por emergir. Entre essas, uma paixão pelo poder que se revelara previamente no “episódio do sabão”, em que Jacira utiliza sabão fervendo para defender a casa contra um ataque de índios.

Com a morte de Dagoberto, a viúva o substitui no comando da fazenda. Pode-se entender esse momento como uma segunda substituição em sua história. A primeira seria a substituição de seu pai, Diogo Ambrósio, pelo marido Dagoberto. Alguns fatores que indicam essa substituição seriam o fato de Jacira, ainda criança, ser levada a cavalo pelo pai e buscada por Dagoberto, e também o carinho e a confiança absoluta que Jacira dedicou a ambos.

Na falta de Dagoberto, a substituição que Jacira efetua é quase insólita. Assume definitivamente o controle da propriedade, tentando repetir, ou melhor, como aparece na narrativa, “adotando como seu” o comportamento do modelo e apoiando-se na autoridade já conquistada por Dagoberto. Jacira cultua a memória do marido e preserva, inclusive, seu espaço físico, seja na mesa de jantar, na cadeira da varanda ou na cama.

Mulheres poderosas

Desse ponto em diante, Jacira faz lembrar a figura da “matriarca”, uma figura bastante freqüente na história, como a própria narrativa faz questão de, didaticamente, ressaltar: “Vocês estão surpreendidos por uma mulher assumir poder e mando naquela época? Pois não deveriam. Em qualquer época da história, em todo o lugar, sempre houve mulheres de tanto poder quanto os homens. Sempre existiram, e não foram poucas” (SILVEIRA, 2002, p. 193).

Ressalvando o exagero explícito nesse “em qualquer época, em todo o lugar”, de fato não foram poucas as mulheres poderosas que comandaram os destinos das regiões sob suas influências. Todavia, sempre foram minoria e, até por isso, povoam o imaginário popular das localidades em que viveram. Para fins conceituais, vale lembrar que Jacira é uma “matriarca”, sem que, no entanto, se possa reconhecer naquele contexto um sistema matriarcal, um matriarcalismo. Ela é matriarca e patriarca, no sentido de estar substituindo o marido e desempenhando suas funções na administração da propriedade e da família. O matriarcalismo, propriamente dito, seria verificado apenas num sistema de organização social em que se reconhece a prevalência do poder da mulher, ou seja, em que a mulher configura-se como o centro do poder.

Sobre esse aspecto, Walnice Nogueira Galvão inicia o ensaio “As mandonas nos textos” referindo-se a um estudo de C.R. Boxer, o qual aponta que, nas Américas (assim como na África e nas Índias), as mulheres adquiriram uma relativa independência graças a algumas circunstâncias inerentes ao próprio processo de colonização. Ainda apoiando-se no estudo de Boxer, Walnice menciona que as viúvas ricas seriam aquelas que reuniriam melhores condições para conquistarem essa independência e serem “extremamente poderosas”, uma vez que “tinham patrimônio e não tinham nenhum homem para mandar nelas” (GALVÃO, 1998, p. 164).

Percebe-se como essas condições delineadas por Walnice são plenamente atendidas no caso de Jacira. A personagem literária filia-se, portanto, a uma tradição de “mandonas” que possui fundamento histórico. Algumas dessas matriarcas históricas foram analisadas numa série de ensaios publicados pela Coordenação Interdisciplinar de Estudos Culturais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, dentre os quais quero destacar o trabalho conjunto de Heloísa Buarque de Hollanda e Rachel de Queiroz, intitulado “Matriarcas do Ceará”, reproduzindo aqui um trecho:

Foi neste ponto que vieram à tona, de forma quase inesperada, os feitos e as figuras de personagens com D. Federalina de Lavras, D. Barbara de Alencar ou a mais obscura Marica Macedo até hoje lembradas e recriadas nas histórias da região do Cariri. Foram elas matriarcas semi-lendárias, proprietárias de terra e gado no interior do sertão longe das pretensões fidalgas das Casas Grandes da zona açucareira. Levavam uma vida rústica relativamente distante dos padrões culturais europeus que, na época, moldavam as sociedades do litoral nordestino. No sertão, exerciam grande poder de liderança, tendo controle total de seus feudos regionais (HOLLANDA; QUEIROZ, 1990).

Condizente com essa matriz histórica, a condição específica de Jacira, de uma mulher desempenhando um papel tido como tradicionalmente masculino, conforma ainda uma substituição comportamental com reflexos inclusive na aparência física, como se verifica no fato da personagem adotar o luto, mas escolher trajes “com pouco pano para não atrapalhar a montaria”

(SILVEIRA, 2002, p. 193) e, principalmente, passar a usar o chapéu do próprio marido. Essa transformação reforça o cuidado que se deve ter na utilização do termo matriarca, conforme também apontam Heloísa e Rachel no mesmo ensaio: “Em tais casos é que se evidencia a estranheza do termo matriarca. Nem o comportamento, nem a inserção social e as formas de sexualidade que as caracterizam escapam do modelo patriarcal no seu pior estilo” (HOLLANDA; QUEIROZ, 1990).

Em outro trecho desse ensaio, ao se abordar uma possível diferença entre patriarcas e matriarcas históricos, transparece outro paralelismo com a personagem Jacira: “Na vida pública, se [as matriarcas] se aproximam da imagem do patriarca, são contudo, descritas como mais capazes do que ele, de violências refinadas no exercício do poder familiar, político e econômico” (HOLLANDA; QUEIROZ, 1990).

Essa violência, ainda que atenuada na narrativa por meio da apresentação ou da inferência de justificativas para certos atos da personagem, também não deixa de ser uma marca de Jacira. O gosto pelo poder é despertado no “episódio do sabão”, ocasião em que a personagem elabora seu lema secreto: conseguir o que deseja, seja pela astúcia, seja pela força.

Uma passagem que marca essa tomada de posição é o caso ocorrido com Manuel Damasceno, um de seus vaqueiros. Manuel Damasceno mata um homem numa briga de jogo e é preso. Imediatamente, Jacira dirige-se à cadeia para promover o resgate do vaqueiro. No trecho, registra-se o diálogo entre Jacira e o comandante da guarda – a propósito, a primeira vez, e possivelmente a mais relevante em todo o livro, em que a fala de uma personagem é apresentada de modo direto num diálogo razoavelmente extenso. Esse diálogo é conduzido por Jacira a princípio com astúcia, porém diante da intransigência do comandante em libertar o preso e fazer a vontade da fazendeira, seu desfecho é uma ameaça que acabará se concretizando.

O comandante é um recém-chegado no arraial, portanto não conhece as leis tácitas que vigoram na região, nem reconhece a autoridade de Jacira. Entretanto, logo após a partida de Jacira, já começa a perceber a enrascada em que se metera e resolve soltar Manuel Damasceno. Deixando explícito seu lado violento e vingativo, Jacira não se dá por satisfeita e, para confirmar sua posição de autoridade, faz com que um grupo de jagunços incendeie a cadeia como represália à ousadia inicial do comandante.

O episódio equipara Jacira às “*semi-lendárias* mandonas históricas” e é mesmo referenciado na narrativa como tendo virado uma “quase lenda”. Essa cena me remete imediatamente ao romance *Dona Guidinha do Poço*, de Manuel de Oliveira Paiva, e desse ponto em diante passo a apontar alguns paralelos entre as duas obras.

No romance de Oliveira Paiva, a personagem principal Dona Guidinha também é uma fazendeira quase onipotente em sua região. Sua influência e suas interferências em relação à justiça oficial aparecem em vários episódios do livro. Dois casos específicos apresentam similaridades com o de Manuel Damasceno. O primeiro deles é o de Silveira, empregado da fazenda que é preso por causa de uma briga numa festa. No trajeto em que Silveira e outros envolvidos na briga são levados para a cadeia, o delegado se encontra, para seu azar, com Dona Guidinha. Como o poder de Guidinha é reconhecido pelo delegado, os presos são prontamente liberados. O segundo episódio é o de Lulu Venâncio, que mata a esposa e é acobertado por Dona Guidinha. Tanto Silveira quanto Lulu Venâncio ficam com uma espécie de dívida por gratidão para com a fazendeira. Mais tarde, ambos serão cobrados por Dona Guidinha, quando a fazendeira está procurando um matador para dar cabo de seu marido. É um sistema de favores que, por fim, auxilia a manutenção do poder e que, apesar de não ter desdobramentos no caso de Jacira com Manuel Damasceno, também ali se reconhece.

Vale dizer que, tanto Dona Guidinha quanto Jacira, são punidas por seus comportamentos autoritários. Dona Guidinha é presa pelo mando do assassinato do marido e hostilizada pela população. Jacira, por sua vez, sofrerá as conseqüências de um outro assassinato. A proibição que Jacira profere em relação ao relacionamento amoroso entre a filha Maria Bárbara e o capataz Jacinto tem desfecho trágico quando Jacinto, numa de suas ocultas e interditas visitas noturnas a Maria Bárbara, é morto por um empregado da fazenda. A intenção premeditada de Jacira nesse assassinato é posta em dúvida na narrativa, mesmo assim a fazendeira acaba sendo punida, alguns meses depois, com a morte de Maria Bárbara “sem jamais ter perdoado a mãe nem lhe dirigido mais uma só palavra” (SILVEIRA, 2002, p. 200) e punida também com o ressentimento de outro

filho, Mariano, gêmeo de Maria Bárbara, que se afastou da mãe e, da mesma forma, nunca a perdoou.

Outro ponto em comum das personagens é a vinculação ao lado paterno. Guidinha faz para seu pai o papel do “filho homem” que ele desejava e não chegou a ter. Quando o pai morre, assume com dinamismo e competência a administração da propriedade herdada, assim como Jacira o faz quando se torna viúva. O vínculo de Jacira com o pai também nunca se rompe, seja na substituição pelo marido, seja no desejo inconsciente de vê-lo regressar. Ambas se casam sem amor, com homens mais velhos, movidas mais pelas contingências sociais do que por qualquer outro motivo. Jacira tem sorte no seu casamento. Já para Guidinha, a união é trágica e resulta na típica seqüência adultério e morte de tantos outros romances.

Ficção e história em dois tempos

Como se vê, apesar de alguns desencontros, os caminhos das mandonas Guidinha e Jacira se cruzam em muitos pontos. Talvez esses cruzamentos sejam exatamente nos mesmos pontos em que se cruzam personagens históricas e personagens literárias, em que se cruzam a literatura e a história. As características pessoais das personagens apontam para referenciais de personagens históricos localizáveis em seus respectivos contextos, o que acaba por lhes conceder um grau maior de verossimilhança. Mais do que isso, são até mesmo identificáveis no caso específico de Dona Guidinha.

O romance escrito em 1891/92 e publicado na íntegra pela primeira vez em 1952 foi matéria de uma pesquisa rigorosa de Ismael Pordeus que, em 1963, encontrou o modelo transposto para a literatura por Oliveira Paiva na história da vida de Dona Maria Francisca de Paula Lessa. Baseado em documentos e jornais da época, Ismael Pordeus pôde perceber a correspondência entre a obra literária e o episódio histórico. No caso de Jacira, e de outras tantas mulheres do livro *A mãe da mãe...*, esse correlato objetivo não pode ser identificável com tal exatidão, mas nem por isso suas características deixam de ser reconhecíveis nas diversas mulheres fortes e poderosas que fizeram e continuam fazendo parte da nossa história.

De fato, essa correspondência encontrada por Ismael Pordeus importa pouco para a ficção em si. A leitura do romance *Dona Guidinha do Poço* não necessita do conhecimento do episódio histórico. No entanto, esse estudo acaba revelando muito do processo de elaboração ficcional de Oliveira Paiva e de sua crença numa literatura que assume seu papel de representação do mundo empírico. Nesse aspecto, o vínculo de Oliveira Paiva é mesmo com a concepção realista-naturalista vigente na prosa do final do século XIX e em outros momentos da história literária, como bem aponta Flora Süssekind no livro *Tal Brasil, qual romance?*

Todavia, como destaca Flora, a obra de Oliveira Paiva se apresenta também como um corte no naturalismo do século XIX ao substituir uma explicação do comportamento de personagens calcada nas ciências naturais, na biologia, na hereditariedade, pela explicação sociológica e econômica, antecipando com isso, a perspectiva que vigoraria muitos anos depois nos romances sociais da década de 1930. É interessante notar como, passados muitos outros anos, já no começo do século XXI, o livro *A mãe da mãe...* concilia essas duas condicionantes, a biológica e a socioeconômica, recuperando um pouco aquela noção de hereditariedade comportamental, agregando a noção de uma memória gravada geneticamente que gera sua reprodução (como se vê no trecho sobre as “proteínas que formarão suas inexplicáveis lembranças” perpetuando as “longínquas memórias do tempo” – (SILVEIRA, 2002, p. 361) e mesclando-a com a influência do quadro social e histórico na caracterização de suas personagens.

Se isso se constitui num avanço, é uma discussão que não cabe nos limites deste estudo, entretanto, o que não se deve deixar de ressaltar é a alteração de paradigmas nas diferentes concepções de história de Oliveira Paiva e de Maria José Silveira. Oliveira Paiva trata o dado histórico em sua fonte como aporte documental para a elaboração de seu romance estabelecendo um pretense diálogo entre ficção e realidade. Já Maria José Silveira escapa dessa realização de moldes realistas, ao promover um diálogo antes com a historiografia do que com o mundo real. Reconhece-se um processo de duplicação da representação, uma representação da representação, ou seja, o ficcional construído a partir da mediação historiográfica - como se pode verificar na lista de livros consultados para a composição de seu romance e no agradecimento que faz aos vários

pesquisadores e historiadores brasileiros cujas obras, segundo a autora, “foram de imprescindível valor” na elaboração de seu livro.

Todavia, uma ligação mais direta entre ficção e realidade, no livro de Maria José Silveira, não é mais pertinente, na medida em que sua ficção se apropria do histórico não com a prerrogativa de verdade, mas de verossímil. Abandonado o compromisso com a representação da verdade, o diálogo, portanto, passa a ser entre a literatura e uma história que vem há um bom tempo questionando e revisando o estatuto de verdade histórica, reconhecendo esta como construção discursiva que nunca é neutra ou isenta.

Até por isso, e ainda mais em se tratando de ficção, não se espera encontrar a verdade na obra de Maria José Silveira. A farsa é assumida e os episódios históricos são apropriados para servir ao interesse ficcional, invertendo, com isso, a relação realista-naturalista em que a ficção serviria a um interesse histórico-documental. A história com que *A mãe da mãe...* dialoga ao incorporar essa mudança de paradigma de representação da verdade, que muitos críticos situam como pós-modernista, refuta também as visões de narrativas históricas totalizantes, privilegiando a abordagem tópica e fragmentada. Nessa perspectiva, e procurando concluir, deve-se indagar em que medida a visão de história presente na ficção de Maria José Silveira se contrapõe ou se alia a essa visão dita pós-moderna.

Ao se propor contar, “desta vez”, a história das mulheres da família, denota-se que a história dos homens já foi contada. Essa idéia pode originar o equívoco de que seria narrada então a versão feminina da história do Brasil. Mas não é exatamente isso que acontece... O interesse pelo episódico, pelo anedótico, pelo fragmentário, sobrepõe-se à idéia de painel que pode ser facilmente suscitada pela analogia dos percursos histórico e ficcional. No livro *A mãe da mãe...*, esse painel é montado situando o contexto ficcional em relação a grandes marcos históricos (descobrimento, independência, proclamação da república, era Vargas, golpe de 1964...) e a grandes ciclos econômicos (cana-de-açúcar, ouro, café, industrialização...), numa simplificação didática que seria inaceitável para uma reflexão histórica e que, por certo, fragiliza a ficção. Mas há também uma especial atenção aos fragmentos da história, a episódios peculiares (como o do sabão, o do canibalismo de Tebereté, o das mulheres mandando seus maridos paulistas de volta para a luta com os emboabas...), que atende a um possível interesse do leitor pelo pitoresco e, ao mesmo tempo, corresponde a um intuito ilustrativo e valorativo do papel da mulher na história do Brasil.

Ainda relevante para a compreensão da visão histórica que perpassa a narrativa, é o fato de que as mulheres (e também os homens) de *A mãe da mãe...* são pessoas comuns elevadas à condição de sujeitos efetivos, atuantes e participantes da história. Essa perspectiva parece querer passar ao leitor a idéia de que também ele é sujeito da história, ou dizendo melhor, que a história se constrói todos os dias e que cada um de nós tem um papel importante nesse processo. Já caminhando para o final da narrativa, o lamento pela perda de um projeto coletivo utópico (que a narradora reconhece na resistência militante contra a repressão da ditadura militar) é seguido por uma afirmação de esperança na construção de um futuro melhor. É uma esperança ingênua e da qual se desconfia. A desgastada frase feita “amanhã será o primeiro dia do resto de suas vidas” é prontamente contraposta pelo olhar desconfiado avisando para não criarmos demasiadas expectativas. Mas a história segue seu curso e, sempre desconfiando, sejamos “ingênuos”. Afinal de contas, quais são as alternativas?

REFERÊNCIAS

- GALVÃO, Walnice Nogueira. As mandonas nos textos. In: _____. *Desconversa*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998, p. 164-192.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de; QUEIROZ, Rachel de. *Matriarcas do Ceará: Dona Federalina de Lavras*. Coordenação Interdisciplinar de Estudos Culturais, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. *Papéis Avulsos*, n. 24, 1990.
- PAIVA, Manuel de Oliveira. *Dona Guidinha do Poço*. São Paulo: Editora Três, 1981.
- PORDEUS, Ismael de. *À margem de Dona Guidinha do Poço*. Fortaleza: Edições UFC, 1963.
- SILVEIRA, Maria José. *A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas*. São Paulo: Globo, 2002.
- SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.